

# **miragem**

rodolfo borbel pitarello

por julia cavazzini

A exposição “miragem”, que acontece na Galeria Pilar, apresenta uma seleção de obras do artista Rodolfo Borbel Pitarello, feitas durante o ano de 2021, e pretende adentrar e se aprofundar em seus íntimos processos de criação. Durante os três meses prévios à exposição, foram feitas três entrevistas focando em possíveis perspectivas estruturais de seu trabalho: têmpera, ruína e sonho. A oportunidade de ver os trabalhos juntos possibilita a experiência de adentrar o que existe de celeste em cada um deles, o que aparece refletido na especificidade deste tempo, clima e lugar.

***“O artista-alquimista organiza a matéria viva e vegetal em coisas mágicas, trabalhando para descobrir a raiz das coisas, a fim de reencontrá-las e exaltá-las.”***

*Germano Celant*

Mirando a transparência, o toque e a temporalidade de uma matéria viva, Rodolfo rompe com o estereótipo de uma tinta pronta e de um conceito preconcebido da técnica como uma mecânica ausente de discurso. Sua formação em iconografia bizantina o aproxima da têmpera ovo e transforma a fatura da pintura em um processo alquímico, fazendo-a se iniciar bem antes de chegar à tela. A consistência da gema do ovo, o tamanho dos cravos usados no óleo, a idade do vinho que serve como antioxidante; todo ingrediente apresenta uma variante no trabalho. Além das especificidades dos ingredientes, existem as condições em que se encontram, os lugares em que são conservados e tudo aquilo que é incorporado durante a fatura. Todo esse processo proporciona alterações que fogem do controle do artista.

***“A transparência na tinta e na técnica vem disso, dessa sobreposição de informações sutis que estão depositadas sobre a técnica: ranhura, cabelo, grão [...] você percebe o registro do que estava e do que está. São como véus que estão dançando à sua vista.”***

*Rodolfo Borbel Pitarello*

A têmpera é um dos principais estímulos do processo criativo do artista, e diante da potência da constante transformação da tinta surge também uma série de restrições. Nas palavras de Rodolfo, é preciso “*criar formas de organização do ingovernável*”. De forma prática, a têmpera exige planejamento, e existem dois que o artista destaca: o espacial e o do toque. A organização espacial é feita a partir de tramas, inspiradas na lógica da tecelagem, onde linhas se cruzam e criam pontos de encontro a serem preenchidos. São como grades em mapas que, de alguma forma, procuram dar ordem a grandes áreas de cobertura. Enquanto o toque é o elemento que vai mediar a secagem da tinta na tela e tem o pincel como principal ferramenta. Para Rodolfo, o pincel “*é um objeto que escava e deposita, arranha um pouco e deixa um pouco de tinta*”. O toque do pincel está entre a memória de camadas frágeis já secas e uma nova e carregada pincelada que está por vir, é uma ação resultante de uma série de ensaios do corpo, algo que o artista chama de alfabetização do gesto.

***“A espontaneidade do trabalho vem da tinta, do tempo e do sol.”***

*Rodolfo Borbel Pitarello*

Os métodos de sistematização no trabalho de Rodolfo se assemelham à lógica de um sítio arqueológico, no qual o mapa e o pincel possuem a mesma finalidade em escavações históricas, mesmo que com funções diferentes. Ao passo que um arqueólogo pesquisa a cultura de civilizações remotas, Rodolfo inventa um imaginário a partir do passado. Tanto o processo artesanal quanto a opacidade e a falta de brilho da têmpera trazem aspectos visuais envelhecidos à pintura. Enquanto um arqueólogo, ao encontrar o objeto em um sítio arqueológico, tem como objetivo evitar que ele se deteriore, Rodolfo, através da técnica e da abstração, faz o oposto em seu trabalho: transforma sua obra cada vez mais em ruína.

A cada nova demão de tinta, revela-se um pouco mais de seu passado, e toda nova camada parece depositar um novo véu opaco sobre a tela. As abstrações, embebidas de referenciais de padronagens latino-americanos e distantes dos modernos europeus, aparecem como mirações a uma sublime sensação de tempo, semelhante à experiência de sonho, que proporcionam uma certa suspensão do corpo. Assim como uma miragem, um fenômeno visual resultante de uma série de fatores naturais, o trabalho de Rodolfo parece acontecer entre processos: o real e o surreal, a memória e o futuro, a abstração e o figurativo.

***“Me incorporo do surrealismo à condição de não existência... o surrealismo como algo da matéria natural, é o naturalismo do incompreensível, das coisas mágicas.”***

*Rodolfo Borbel Pitarello*

A miragem, em termos científicos, é um efeito óptico que acontece devido à alta temperatura no solo. A luz em contato com o chão reflete o céu e, muitas vezes, nos faz acreditar que o reflexo do céu é uma poça d'água. Enquanto figura de linguagem, a miragem carrega uma conotação negativa por normalmente ser vinculada a uma alucinação, algo que não é real. Mas, nesse caso, a imagem de céu é real e a interpretação de água é o delírio. A imagem refletida na miragem é a constante lembrança do tempo, do clima e do lugar em que a pessoa se encontra. Além das alterações naturais, a única possível transformação é a interpretação da imagem. O que aparece como cor, brilho e luz recebe significado de acordo com seu espectador.

Na exposição, a miragem aparece desprendida do juízo de valor. A alucinação, o delírio e os lugares mágicos para onde as pinturas de Rodolfo nos transportam podem não ser reais, mas a miragem nos torna capazes de atravessar o deserto e vislumbrar lugares que ainda estão por vir.

<sup>1</sup> *Entrevista #2 – Ruína*, realizada com o artista Rodolfo Borbel Pitarello no ano de 2021 para a exposição “miragem”.

<sup>2</sup> *Entrevista #1 – Têmpera*, realizada com o artista Rodolfo Borbel Pitarello no ano de 2021 para a exposição “miragem”.